

EUCARISTIA NA ATUALIZAÇÃO DA INICIAÇÃO CRISTÃ: ANÁLISE NO HORIZONTE DA METAFÍSICA ZUBIRIANA³⁰¹

The Eucharist in the actualization of Christian initiation: analysis from the perspective of Zubirian metaphysics

Sidnei Fernandes Lima³⁰²

Valeriano dos Santos Costa³⁰³

Resumo: Este artigo pretende mostrar que a importância da Eucaristia ou Ceia na vida das igrejas cristãs e de cada um dos fiéis em particular repousa no fato de que a Eucaristia é o momento que realiza e atualiza o Projeto de Iniciação Cristã, muito forte e atuante no início do cristianismo. Neste contexto, a Eucaristia realizava e atualizava a vida cristã no dinamismo da comensalidade ritual entre irmãos. O conceito de realização e atualização com que trabalhamos é fundado na metafísica zubiriana, cujo eixo é a realidade. Então somos obrigados, por questão lógica, a expor, mesmo que sumariamente, as bases do pensamento de Zubiri para desenvolver o argumento proposto.

Palavras-chave: Eucaristia. atualização. Realização. Iniciação cristã. Xavier Zubiri.

Abstract: This article aims to show that the importance of the Eucharist or Holy Supper in the life of the Christian Churches and of each of the faithful in particular rests on the fact that the Eucharist is the moment that realizes and actualizes the Christian Initiation Project, very strong and active as it was at the beginning of Christianity. Then the Eucharist realized and actualized Christian life in the dynamism of the ritual commensality among brothers. The concept of realization and actualization with which we work is founded on Zubirian metaphysics, whose axis is reality. Thus, we are obliged for logical reasons to

³⁰¹ Recebido em 29 de outubro de 2019. Aceito em 07 de janeiro de 2022 com base nas avaliações dos pareceristas *ad hoc*.

³⁰² Doutor. PUC-SP. E-mail: padre.sidnei@uol.com.br

³⁰³ Doutor. PUC-SP. E-mail: pvaleriano@uol.com.br

expose, even briefly, the bases of Zubiri's thought to develop the proposed argument.

Keywords: Eucharist. Actualization. Realization. Christian initiation. Xavier Zubiri.

Introdução

Não restam dúvidas de que a Eucaristia ou Ceia, sobretudo no horizonte católico, mas também no horizonte cristão em geral, é o centro da vida da Igreja, considerando que a Eucaristia pressupõe a Palavra, e a Palavra conduz à Eucaristia. João Paulo II afirmou: “A Igreja vive da Eucaristia. Esta verdade não exprime apenas uma experiência diária de fé, mas contém em síntese o próprio núcleo do mistério da Igreja.”³⁰⁴ Então a importância deste sacramento, que está no núcleo da Igreja, exige a necessidade contínua de celebração, que, como veremos, tem dimensão tempôrea, e do estudo como episteme teológica.

Para aprofundar nosso argumento, escolhemos fazê-lo em interface com o pensamento de Xavier Zubiri, filósofo contemporâneo que levou a fenomenologia espanhola ao seu estágio mais avançado, a ponto de superar a fenomenologia e instituir um pensamento próprio. O mérito deste filósofo foi propor uma metafísica totalmente nova e uma noologia cujo conhecimento destrincha as coisas no seu interno para descobrir como realmente são. Nesse caso, buscaremos o porquê de a Eucaristia ou Ceia ocupar o lugar tão importante nas Igrejas cristãs, embora restringindo nosso conhecimento e argumentação à Igreja Católica, nosso campo epistemológico. E será justamente pelo processo de atualização do ponto de vista zubiriano que podemos melhor entender e expor a questão.

Realismo zubiriano

O mérito de Xavier Zubiri (1898-1983) foi forjar uma ideia de intelecção diferente de tudo o que se tinha pensado até então: a intelecção senciente³⁰⁵, mera atualização do real enquanto real, porém vinculando sentir e entender estruturalmente. E maior mérito ainda foi mostrar que é assim que acontece

³⁰⁴ JOÃO PAULO II. Carta encíclica *Ecclesia de Eucharistia*. São Paulo: Loyola, 2003, nº 1.

³⁰⁵ Cf. ZUBIRI, X. *Inteligência e realidade*. São Paulo: É Realizações, 2011a. p. 137.

desde a aurora do pensamento humano. No entanto, a partir dos gregos foi se estabelecendo a separação e até oposição entre sentir e inteligir, determinando uma teoria do conhecimento em que o sentir perdeu sua cidadania enquanto estrutura intrínseca do conhecimento, que ficou restrito à razão e aos idealismos decorrentes. “[...] seria preciso superar o dualismo entre sentir e inteligir que sempre conduziu, na filosofia grega e medieval, ao dualismo da realidade”³⁰⁶. É justamente neste horizonte que a inteligência senciente zubiriana constituiu a superação do dualismo da velha teoria do conhecimento que chegou até nós em forma de distorção. Por isso, Zubiri é considerado um filósofo original. Sua filosofia, localizada no caminho aberto por Husserl e Heidegger, leva, para além da consciência, da essência, da existência e mesmo do ser, tendo como radicalidade a apreensão da realidade. Isso permitiu a Zubiri uma nova ideia de inteligência e uma nova ideia de realidade. É justamente a raiz de uma nova filosofia. A partir da análise da inteligência senciente, Zubiri conseguiu abordar praticamente todos os grandes temas da filosofia clássica: desde a matéria até a liberdade, da evolução até a questão da vontade, da história até o problema de Deus. É uma grande síntese filosófica que ganha espaço e, com certeza, será aplicada a novos campos de conhecimento e conduzida a novos níveis de radicalidade filosófica³⁰⁷.

O primeiro ponto a ressaltar é que, para Zubiri, a realidade não está fora da intelecção, como costumamos pensar. Realidade, no uso filosófico padrão, significa “como as coisas realmente são”³⁰⁸. Para o senso comum, denota tudo aquilo que existe e cuja existência está fora da mente, ou seja, é uma existência externa. Porém, realidade é atualidade intelectualiva do que apreendemos das coisas que se nos dão a conhecer. Portanto, realidade não é “a coisa” fora da intelecção, mas o intelectivamente atualizado. O homem não vive desde as coisas, mas desde a realidade como algo último. Assim diz Zubiri: “O homem vive desde a realidade, apoiado precisamente *na realidade* como algo último.”³⁰⁹ Então esse apoio que o homem encontra na realidade é um apoio último e ao mesmo tempo possibilitante, segundo nosso filósofo, pois “[...] este apoio não somente é último, quer dizer, que para além dele não há outro, senão que é um apoio

³⁰⁶ ZUBIRI, 2011a, p. 90.

³⁰⁷ FUNDACIÓN Xavier ZUBIRI. *Vida y obra*. Disponível em: http://www.zubiri.net/?page_id=361. Acesso em: 29 nov. 2018.

³⁰⁸ FORBES, G. Realidade. In: AUDI, R. (Org.). *Dicionário de Filosofia de Cambridge*. São Paulo: Paulus, 2006. p. 795-796, p. 795.

³⁰⁹ ZUBIRI, X. *Sobre la religión*. Madrid: Alianza Editorial / Fundación Xavier Zubiri, 2017d. p. 404: “El hombre vive desde la realidad, apoyado precisamente *en la realidad* como algo último.”

*possibilitante*³¹⁰. É neste caráter possibilitante que podemos entender o conceito de missão em Zubiri, quando ele afirma que “não é que a vida *tenha* missão, senão que a vida é missão”³¹¹. Em outras palavras, a realidade é atual nas pessoas e lhes dá as coordenadas da vida. Se pensarmos nessas coordenadas como missão, é fácil entender que a vida não tem missão, mas é missão, pela força mesma da realidade. Sendo que o mistério pascal de Cristo constitui a realidade do cristão, a missão não é escolha fortuita, mas determinação do próprio mistério pascal. Claro que não há ruptura entre a coisa e a realidade que apreendemos da coisa. A coisa continua sendo o que é, com sua essência, em sua unidade interna de notas. “Então é essência a unidade interna daquelas notas que presumivelmente compõem a mesmidade da coisa e impedem confundir-la com outra.”³¹² A coisa está aí simplesmente, mas a realidade é que povoa o coração humano. Tem um caráter de abertura transcendental, pois impõe atualização contínua. Nesse sentido, a realidade é algo muito dinâmico. Então a atualização que o mistério pascal impõe à Igreja pela iniciação cristã é justamente a Eucaristia ou Ceia, pois, segundo o papa Bento XVI, “é preciso não esquecer jamais que somos batizados e crismados em ordem à Eucaristia”³¹³. É importante frisar que, para Zubiri, “atualidade não é caráter de *ato*, mas o caráter de *atual*” (grifo do autor). Então não é o que tem caráter de ato, no sentido aristotélico, mas aquilo que faz alusão “a uma espécie de presença física do real”³¹⁴. É nesta dimensão que vamos compreender a Eucaristia ou Ceia como uma realidade celebrativa que atualiza, ou seja, faz presente todo o real que constitui a iniciação cristã. É o apreendido intelectivamente que tem uma presença real em nossa inteligência. E não é nada fechado ou concluído. Por isso a Eucaristia está aberta à escatologia. É algo dinâmico, que se refaz e se amplia a todo momento. Realidade é formalidade segundo a qual apreendemos em um único ato que se dá em três modos: apreensão primordial, apreensão em *logos* e apreensão em razão. É importante frisar que não são três *unidades* nem três *planos*

³¹⁰ ZUBIRI, 2017d, p. 4: “[...] este apoyo no solamente es último, es decir, que más allá de él no hay otro, sino que es un apoyo *posibilitante*.”

³¹¹ ZUBIRI, X. *Naturaleza, historia, Dios*. 14. ed. Madrid: Alianza Editorial / Fundación Xavier Zubiri, 2015b. p. 427: “No es que la vida *tenga* misión, sino que es misión.”

³¹² ZUBIRI, X. *Sobre la esencia*. Madrid: Alianza Editorial / Fundación Xavier Zubiri 2018, p. 98: “Y entonces es esencia la unidad interna de aquellas notas que presumiblemente componen la mismidad de la cosa e impiden confundirla con otras.”

³¹³ BENTO XVI. Exortação Apostólica Pós-sinodal *Sacramentum Caritatis*. São Paulo: Paulinas, 2007, nº 28.

³¹⁴ ZUBIRI, 2011a, p. 98.

de intelecção, mas “três *modalidades* de uma única intelecção”³¹⁵ (grifo do autor). Na apreensão primordial ocorre um contato direto e radical sem nenhuma intermediação. Nela se apreende a “coisa” em e por si mesma de forma compacta. Esta apreensão é fundamental, mas insuficiente para o conhecimento do apreendido. Daí todos os estudos sobre a Eucaristia ou Ceia que compõem a vasta bibliografia cristã. Então a partir do primordialmente apreendido e, quase concomitantemente, sem sair da realidade, continuamos a apreender em modalidade de *logos* e razão. Por isso o *logos* eucarístico ocupa uma vastidão de tratados teológicos. Mas isto não é uma decisão ou um ato volitivo consciente, considerando “[...] que a vontade é em si formalmente amor e fruição”³¹⁶. Embora se tratando de uma imposição da própria realidade que se dá em um movimento de impelência, pois “o real da coisa é algo que nos impele a esse ‘mais’ próprio da realidade”³¹⁷, isso se faz no amor e na fruição decorrente. Portanto, é uma imposição que vai ao encontro da vontade. Ocorre assim porque a realidade apreendida *direta, imediata e unitariamente* determina o chamado “*campo de realidade*”, onde tudo o que foi apreendido se encontra em respectividade. Não se trata de um campo espacial, mas de um caráter de cada coisa apreendida, já que “[...] cada coisa real é intrínseca e formalmente campal”³¹⁸. É aí que se dá a linguagem, “pois o *logos* consiste em dizer declarativamente algo acerca de algo”³¹⁹. E esta declaração não pode ser feita senão desde outra coisa do campo. É o momento da dualidade do *logos*. Porém um dos caracteres do exercício da liberdade é a busca cada vez mais profunda do real de cada coisa. Já estamos falando da apreensão no nível da razão, uma busca movida pela impelência em direção ao fundamento da coisa apreendida em apreensão primordial, “pois o real de cada coisa é algo que nos impele a esse ‘mais’ próprio da realidade”³²⁰. E esse “mais” nos obriga a buscar a razão da coisa campalmente inteligida. É especificamente o pensar. Por exemplo, neste sentido, “a revelação é a esse respeito o que Cristo *dá* aos homens como razão

³¹⁵ ZUBIRI, X. *Inteligência e razão*. São Paulo: É Realizações, 2011c, p. 260.

³¹⁶ ZUBIRI, X. *Sobre el sentimiento y la volición*. 3. ed. Madrid: Alianza Editorial; Fundación Xavier Zubiri, 2015b. p. 193: “[...] que la voluntad en si es formalmente amor y frucción”.

³¹⁷ ZUBIRI, X. *Inteligência e logos*. São Paulo: É Realizações, 2011b, p. 46.

³¹⁸ ZUBIRI, 2011b, p. 16.

³¹⁹ ZUBIRI, 2011b, p. 30.

³²⁰ ZUBIRI, 2011b, p. 46.

de seu ser: a *deiformidade*³²¹. Então a deiformidade é o fundamento mais profundo da revelação cristã em relação ao homem. Mas não podemos aprofundar esta questão aqui.

Assim descrevemos de forma sumária os modos de apreensão da realidade em Zubiri e o poder da realidade. Neste sentido, a metafísica zubiriana desmantela a ingenuidade antropológica que vigora sobretudo no Ocidente, em que o homem se imagina todo-poderoso no universo. Mas não é assim. A noologia zubiriana mostra como estruturalmente isso é falso, pois o homem, que tem o privilégio de ser “animal de realidades”, precisa reconhecer a força da realidade e o poder do real que subjagam a sua vontade na liberdade do amor e fruição. Este poder obriga, inclusive, o homem a realizar-se como pessoa. A “forçosidade” com que o poder do real domina o homem e o leva inexoravelmente a realizar-se como pessoa é o que Zubiri chama de *empoderamento*. Nesse sentido, diz o Profeta: “Seduziste-me, Senhor, e eu me deixei seduzir, tu te tornaste forte demais para mim, tu me dominaste” (Jr 20,7). É o princípio de toda vocação cristã.

A realidade da Iniciação Cristã

A nossa questão é estudar a Eucaristia ou Ceia como momento que nos mantém realmente na Iniciação Cristã, fazendo-nos permanecer em Cristo, como condição pascal:

Permaneci em mim, como eu em vós. Como o ramo não pode dar fruto por si mesmo, se não permanece na videira, assim também vós se não permanecerdes em mim. Eu sou a videira e vós os ramos. Aquele que permanece em mim e eu nele, produz muitos frutos, porque sem mim nada podeis fazer (Jo 15,4-6).

Então, ao falar da realidade da Iniciação Cristã em interface com Zubiri, referimo-nos à opção das pessoas que se tornaram discípulas e missionárias de Jesus Cristo. Por isso, em sua apreensão da realidade cristã, foram instaladas na fé com a inteireza do ser. Quando nos referimos à necessária inteireza da pessoa em sua integralidade na fé, reportamo-nos às três qualidades, segundo Zubiri, com que se apreende em apreensão atenta, que se dá na apreensão primordial de realidade: *indiferença*, *detimento* e *absorção*, que “são três qualidades rigorosa e

³²¹ ZUBIRI X. *El problema teologal del hombre*: Dios, religión, cristianismo. Madrid: Alianza Editorial / Fundación Xavier Zubiri, 2015a. p. 27: “La revelación es en este respecto lo que Cristo *da* a los hombres como razón de su ser: la deiformidad.”

formalmente intelectivas da apreensão primordial de realidade³²². A indiferença é um modo *en passant*, pois não há interesse em nos deter na coisa; no detimento já há um olhar breve e rápido, mas sem “retenção” do apreensor no apreendido; “Há finalmente um modo muito importante: é a ‘absorção’: ficamos na coisa real como se não houvesse mais do que esta coisa.”³²³ Pode-se dizer que a realização da Iniciação Cristã faz com que o apreensor fique retido na realidade cristã estável e duradouramente. Fique “absorvido”³²⁴. Aqui a Eucaristia tem um papel primordial. É um momento privilegiado de experiência do Mistério Pascal no contexto da Iniciação Cristã, contexto em que a Palavra de Deus e a prática são preponderantes.

O Decreto *Ad Gentes*, cujo enfoque está direcionado à atividade missionária da Igreja, define que “o catecumenato não é mera exposição de dogmas e preceitos, mas uma formação e uma aprendizagem de toda a vida cristã; prolongada de modo conveniente, por cujo meio os discípulos se unem com o Cristo seu mestre”³²⁵. Entendemos desta maneira que o catecumenato não se propõe a transmitir “conceitos”, e sim incrementar uma realidade apreendida de Cristo, morto e ressuscitado, condensada no Ressuscitado, que realmente se faz presente e se atualiza na vida da Igreja, seu Corpo (1Cor 12,12).

Esse é um contexto em que a vontade é determinada pelo amor e fruição, pois mesmo antes do Batismo os catecúmenos são “cercados pelo amor e a proteção da Igreja e, pertencendo aos seus e unidos a ela, já fazem parte da família de Cristo: são alimentados pela Igreja com a Palavra de Deus e incentivados por atos litúrgicos”³²⁶. Assim, pela audição do Evangelho e pelas bênçãos e outros sacramentais incrementam a realidade cristã, apreendida em sua dinâmica, que gera sonhos, metas e absorve a vida.

A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), no documento *Batismo de Crianças*³²⁷, ao examinar a liturgia batismal à semelhança das catequeses

³²² ZUBIRI, 2011a, p. 191.

³²³ Cf. ZUBIRI, 2011a, p. 191.

³²⁴ Cf. Introdução ao Rito da Iniciação Cristã de Adultos. In: RITUAL ROMANO, *Ritual da Iniciação Cristã de Adultos*. Renovado por decreto do Concílio Vaticano II, promulgado por autoridade do Papa Paulo VI. Tradução portuguesa para o Brasil da edição típica. São Paulo: Paulus, 2004, n° 19.

³²⁵ CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. Decreto *Ad Gentes*. In: *Compêndio do Vaticano II*. Petrópolis: Vozes, 1ª reimpressão, 2016b, p. 351-399, n° 14.

³²⁶ Cf. Introdução ao Rito da Iniciação Cristã de Adultos, 2004, n° 18.

³²⁷ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL (CNBB). *Batismo de Crianças*. São Paulo: Paulinas, 1984. (Documentos da CNBB, 19).

mistagógicas³²⁸, falando sobre a simbologia da água no sacramento do Batismo, afirma que assim como o Dilúvio, o Batismo destrói a corrupção e liberta do pecado³²⁹. É o início de uma nova vida como filhos de Deus. O Batismo, como na passagem do Mar Vermelho, liberta-nos da escravidão e da maldade. Tudo isso acontece porque Cristo passa a ser a realidade do cristão. E realidade, como vimos, tem a força de reter e remeter ao mais profundo da realidade.

A simbologia da Iniciação Cristã expressa a vida nova. Taborda diz que o gesto de sair da água e revestir-se simboliza que o batizado se revestiu de Cristo e se tornou nova criatura (Gl 3,27; Ef 4,24). Deve conservar esta veste branca sem mancha, até a vida eterna, sinal de sua dignidade de cristão batizado. O neófito (neobatizado) então se encontra com o bispo que o assinala; assim, a primeira aceitação da fé realizada ao ouvir o Querigma recebe agora sua confirmação eclesial, pois a fé só é completa quando reconhecida na Igreja através do gesto do bispo, que assinala o neófito como propriedade de Deus. Agora o neófito pode participar da mesa da Eucaristia na qual ele é reapresentado ao evento fundador da morte e ressurreição de Jesus³³⁰.

A pessoa que passou pela Iniciação Cristã já não pode viver como antes, devendo renunciar ao pecado cristalizado nas estruturas do mundo. Codina reconhece a importância dogmática do Batismo como eliminação de pecados, mas insiste que é necessário situar esta doutrina no horizonte da nova exegese bíblica dos primeiros capítulos do Gênesis e dos avanços da história e da ciência antropológica. Pode-se dizer que a teologia atual focaliza o pecado original dentro da noção bíblica de pecado do mundo. Este conceito de solidariedade no pecado está muito presente no Antigo Testamento e na Carta aos Romanos, que fala da culpa coletiva dos pagãos (Rm 1) e do povo de Israel (Rm 2). João resume este pecado na palavra *mundo*, realidade pecaminosa e sujeita a Satã³³¹. João Batista chama Jesus de “cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo” (Jo

³²⁸ Cf. CNBB, 1984, n°13.

³²⁹ Cf. CNBB, 1984, n° 93.

³³⁰ Cf. CODINA V. Simbolismo batismal. In: CODINA, V.; IRARRAZAVAL, D. *Os Sacramentos de Iniciação: Água e Espírito de Liberdade*. São Paulo: Vozes, p. 76-99, 1991a, p. 95-96; TABORDA, F. Da celebração à teologia: Por uma abordagem mistagógica da teologia dos sacramentos. *Revista Eclesiástica Brasileira*, ano 64, n° 255, p. 588-615, 2004, p. 612.

³³¹ Cf. Jo 1,19; 7,7; 15,18.19; 17,14; 8,23; 12,31; 14,30; 16,11.

1,29). Paulo distingue os pecados pessoais do pecado como totalidade (Rm 5,12)³³².

O pecado do mundo é muito mais do que a soma dos pecados pessoais. Ele cria uma situação que nasce dos pecados pessoais e nos incita a pecar, sem suprimir a liberdade pessoal. Esta situação de pecado se transforma em estruturas de pecado e injustiça, nas quais o pecado se cristaliza. Tal situação contamina a história, as estruturas sociais e políticas e a própria criação (Rm 8,20-22), causando impacto pessoal e existencial. Nascermos em um mundo de pecado e com os nossos pecados pessoais atualizamos, ratificamos e fazemos nosso o pecado de Adão. Herdamos uma história de pecado, vivemos em um mundo patologicamente afetado pelo mal, que nos induz a manter esta situação de pecado e de morte³³³.

Mas, pela misericórdia de Deus, a morte de Cristo se tornou fonte de vida. Assim, o Filho do Homem levantado na cruz é salvação para todos os que creem. Contra o dinamismo do pecado de Adão surge um dinamismo da graça. O Batismo nos introduz na Igreja, comunidade mediadora da vida de Cristo. O Batismo não nos arranca do mundo pecaminoso, no qual persistem as estruturas de pecado e concupiscência pessoal, mas nos oferece a graça do Ressuscitado e seu Espírito para continuar a obra de Jesus: tirar o pecado do mundo, lutar a partir da cruz e da ressurreição contra as estruturas de pecado de nossa história. O Batismo nos faz passar do serviço aos ídolos de morte para o Deus vivo. Assim, o batizado passa do domínio do Maligno para o domínio de Deus³³⁴.

Uma outra interessante reflexão sobre a relação entre o Batismo e a vida cristã parte de Francisco Taborda que defende que o kairós do Batismo-Crisma³³⁵, ou seja, o fato valorizado neste sacramento, é a fé cristã em sua dinâmica de conversão constante. Assim a *mistagogia*, que significa *conduzir ao*

³³² Cf. CODINA V. Morte ao pecado e vida nova. In: CODINA, V.; IRARRAZAVAL, D. *Os Sacramentos de Iniciação: Água e Espírito de Liberdade*. São Paulo: Vozes, p. 100-118, 1991b, p. 105-106.

³³³ Cf. CODINA, 1991b, p. 106-107.

³³⁴ Cf. CODINA, 1991b, p. 107.

³³⁵ No livro *Nas fontes da vida cristã* o autor Francisco Taborda procura ver o Batismo e a Confirmação em sua fundamental unidade. Por isso, muitas vezes, ele utiliza o termo *Batismo*, significando o conjunto dos dois sacramentos, tal como se fazia na Igreja Antiga; outras vezes se prefere utilizar o termo *Batismo-Crisma* ou *Batismo-Confirmação*, ligando-os por hífen e usando o verbo no singular, para acentuar a unidade (cf. TABORDA, F. *Nas fontes da vida cristã: Uma teologia do Batismo-Crisma*. São Paulo: Loyola, 2001, p. 22).

mistério, explicita o sentido mais profundo da Iniciação Cristã: iniciação ao mistério do Deus da vida. Pelo Espírito Santo o cristão é introduzido no mistério de Deus. Esta ação do Espírito pode ser compreendida como um processo de *iluminação*. O termo “iluminação” é sugerido pela Epístola aos Hebreus (Hb 6,4; 10,32), que se refere ao início da vida cristã como a uma iluminação.

Segundo Taborda, o Espírito após a ressurreição de Jesus abre os olhos e o coração dos discípulos para que reconheçam Jesus crucificado e ressuscitado como o Revelado do Pai (1Cor 12,3). Abre os corações para que compreendam não só intelectualmente que Jesus é o único caminho para o Pai, mas também tirem as consequências práticas disto. Conduzindo-nos a Jesus, o Espírito nos ilumina para o conhecimento de Deus. Mas só se conhece a Deus na ação de segui-lo, embora, na iniciação ao seguimento, muitas outras pessoas atuem e, em última análise, a Igreja, comunidade daqueles que, pelo Espírito, se tornaram “um” com Cristo³³⁶.

No que dissemos acima acerca da Iniciação Cristã, em seu aspecto pedagógico e formativo, vemos nitidamente que se trata de uma realidade em que Cristo é o eixo absoluto. Esta realidade é uma apreensão do Cristo, com o qual somos configurados e possuídos pela força da realidade e pelo poder do real. Recordamos mais uma vez que realidade, nesse caso, não é o Cristo fora, mas o Cristo apreendido em nossa inteligência senciente, que constitui uma teia da qual não podemos nos desvencilhar, porque somos totalmente enredados. É por isso que a Iniciação Cristã funcionava de fato e gerou os áureos tempos primitivos do martírio.

A Eucaristia como atualização permanente da Iniciação Cristã

No âmbito da iniciação cristã, a Eucaristia é o sacramento da atualização da realidade na qual somos inseridos pelo Batismo, fortalecidos pela crisma. Como dissemos, no pensamento zubiriano, a realidade não é a coisa (Cristo) fora de nós, mas a apreensão de Cristo em nossa inteligência senciente, realidade cujo dinamismo requer atualização contínua. E essa atualização foi prevista pelo próprio Cristo, quando celebrou a Ceia e ordenou: “Fazei isto em minha memória” (Lc 22,19). Então os discípulos consideraram o primeiro dia da semana como momento do memorial, ou seja, da atualização daquela realidade na qual estavam implantados. Por isso não renunciavam à celebração dominical, mesmo ao risco da própria vida. Desta forma, cada celebração os refazia e os

³³⁶ Cf. TABORDA, 2001, p. 110-114.

colocava de pé, atualizando, inclusive, a felicidade de ser membro do Corpo de Cristo.

O texto emblemático da narrativa de Emaús (Lc 24,13-35) retrata como o primeiro dia da semana foi concebido como dia do memorial, atualizando aquele momento em que Jesus transformou a decepção dos que abandonaram o Caminho em “reversão intelectualiva senciante para o real”³³⁷, que justamente é a realidade apreendida primordialmente. Agora são iluminados por aquele momento campalmente intelectualivo em que o Cristo explica as Escrituras e reparte o pão com eles. Então houve a reconstrução da unidade em torno do Mistério Pascal. Era uma questão de realidade distorcida e mal articulada: “Nós esperávamos que fosse ele quem iria redimir Israel; mas, com tudo isso, faz três dias que todas essas coisas aconteceram!” (Lc 24,21). Os três dias representam a “distância intelectualiva” que eles precisavam tomar para iluminar o fato primordial ocorrido na Cruz. Neste percurso intelectualivo o próprio Jesus Ressuscitado se faz presente caminhando ao lado dos discípulos, que não puderam, no primeiro momento, perceber quem realmente estava ao seu lado, pois seus olhos “estavam impedidos de reconhecê-lo” (Lc 24,16). Jesus lhes explica as Escrituras relacionadas à sua missão salvadora. Apesar de reconhecerem posteriormente que os seus corações ardiam enquanto ele lhes falava pelo caminho e explicava as Escrituras, seus olhos ainda não se abrem para apreender a realidade do Ressuscitado (Lc 24,32). “Percebemos uma certa ironia de Lucas afirmando que apenas recitar fatos da vida de Jesus e mostrar como eles são coerentes com suas predições não abre os olhos da fé!”³³⁸ A simples apreensão da realidade do Ressuscitado acontece na partilha do pão. “E, uma vez à mesa com eles, tomou o pão, abençoou-o, depois partiu-o e distribuiu-o a eles. Então seus olhos se abriram e o reconheceram; ele, porém, ficou invisível diante deles” (Lc 24,30-31). Este ficar “invisível” significa, aplicando a noologia zubiriana, que a realidade, iluminada agora pela simples apreensão campal, reverteu-os à realidade primordialmente apreendida, “retendo-os” e “impelindo-os” para Jerusalém a fim de retomarem o Caminho. Uma vez reconhecida a presença do Ressuscitado, a fé já havia sido acionada e não era mais necessário um tipo de presença material³³⁹, porque a realidade fora incrementada fisicamente, no

³³⁷ ZUBIRI, 2011b, p. 36.

³³⁸ Cf. KARRIS, R. J. O Evangelho Segundo Lucas. In: BROWN, R. E.; FITZMYER, J. A.; MURPHY, R. E. (Org.). *Novo Comentário Bíblico São Jerônimo: Novo Testamento e Artigos Sistemáticos*. São Paulo: Paulus, p. 217-308, 2018, p. 306-307.

³³⁹ CHOKEL, L. A. *Bíblia do Peregrino*. São Paulo: Paulus, 2002. Nota de rodapé sobre Lc 24, 30-31, p. 2540.

coração deles, já que “atualidade é um momento físico do real”³⁴⁰. Lembramos que, para Zubiri, o conceito sem vínculo com a realidade, ou seja, o conceito em si, não é real. O que os discípulos encontraram no caminho de Emaús não foi um conceito, mas o Cristo real ressuscitado. Por isso imediatamente retornam a Jerusalém, para anunciar a sua experiência real (Lc 24,33).

Analogamente aos discípulos de Emaús, as comunidades eclesiais inseridas na realidade pascal irão passar também pelo processo de morte-ressurreição no seu itinerário de salvação. A decepção dos discípulos de Emaús é a mesma decepção dos seguidores de Jesus também hoje, quando estão inseridos numa realidade distorcida e dominada por sombras.

Neste sentido, vemos a importância do encontro do fiel com o Ressuscitado, proporcionado pela Eucaristia ou Ceia dominical. Como foi para os discípulos de Emaús, a Eucaristia é um convite a reviver a experiência do encontro com o Senhor que caminha conosco, nos explica as Escrituras e se revela “ao partir o pão” entre irmãos.

A Constituição Conciliar *Sacrosanctum Concilium* resgata a liturgia como celebração do Mistério Pascal, momento histórico da salvação³⁴¹. Afirma que a mensagem e ação de Cristo continuam presentes na história através da evangelização e mediante os sacramentos, em torno dos quais gira toda a vida litúrgica. O Cristo está sempre presente na sua Igreja, especialmente nas ações litúrgicas, e a salvação de Cristo chega a este mundo através dos sinais sensíveis sacramentais. Por isso, “na Liturgia terrena, antegozando, participamos da Liturgia celeste para a qual, peregrinos, nos encaminhamos”³⁴². Acentua que a liturgia não basta a si mesma, mas requer a prática da vida cristã, o apostolado e o testemunho diante do mundo³⁴³: a liturgia é “simultaneamente a meta para a qual se encaminha a ação da Igreja e a fonte de onde provém toda a sua força”³⁴⁴ e que, “para assegurar esta eficácia plena, é necessário, porém, que os fiéis celebrem a Liturgia com retidão de espírito, unam a sua mente às palavras que

³⁴⁰ ZUBIRI, 2011a, p. 98.

³⁴¹ Cf. SILVA, J. A. da. “Sacrosanctum Concilium” e reforma litúrgica pós-conciliar no Brasil: Um olhar panorâmico no contexto histórico geral da liturgia: Dificuldades, realizações, desafios. *Revista Eclesiástica Brasileira*, ano 63, n° 250, p. 278-294, 2003, p. 284.

³⁴² CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. Constituição *Sacrosanctum Concilium*. In: *Compêndio do Vaticano II*, Petrópolis: Vozes, 2016, p. 259-306, n° 8.

³⁴³ Cf. CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II, *Sacrosanctum Concilium*, n° 9.

³⁴⁴ CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II, *Sacrosanctum Concilium*, n° 10.

pronunciam, cooperem com a graça de Deus, não aconteça de a receberem em vão²³⁴⁵.

Desde o início, a Igreja insistiu no frequente retorno a essa fonte primordial e centro de toda a vida cristã, pois o Pai Eterno “decretou elevar os homens à participação da vida divina”³⁴⁶. Este constante contato com a experiência original é que torna a vida cristã dinâmica e atual, fazendo com que ela por um lado não envelheça, e, ao mesmo tempo, evitando que perca a sua identidade e se descaracterize em uma constante mutação para manter-se conectada com o mundo que a rodeia. A Igreja “é jovem quando é ela mesma, quando recebe a força sempre nova da Palavra de Deus, da Eucaristia, da presença de Cristo e da força do seu Espírito em cada dia. É jovem quando consegue voltar continuamente à sua fonte.”³⁴⁷ Em outras palavras, a Igreja é jovem quando se atualiza sem cessar na fonte da Eucaristia. Por isso se torna uma realidade dinamicamente viva. Esta afirmação é perfeita para compreendermos o que Zubiri considera como apreensões ulteriores (em *logos* e em razão) em que as outras coisas do campo intelectual de realidade se tornam *princípios de inteligibilidade* da coisa que remeteu a outras coisas campais³⁴⁸. E assim reverterem sempre à realidade apreendida primordialmente. A Eucaristia é o momento em que a Igreja apreende aquilo que lhe é próprio e forma a sua identidade, pois “a comunidade é chamada a criar aquele ‘espaço teologal’ onde se pode experimentar a presença mística do Senhor ressuscitado”³⁴⁹.

É tarefa da celebração litúrgica repropor continuamente a memória (*anamnese*) deste evento primordial, não só como objeto de culto, mas também como norma e inspiração para o compromisso cristão que busca uma adequação entre as situações humanas e as exigências do Reino³⁵⁰. Negligenciar o direcionamento ao compromisso inerente à memória da celebração litúrgica significa esvaziar seus conteúdos e mutilar a ação do cristão privando-a de sua própria razão de ser e do seu significado. A memória sacramental própria da

³⁴⁵ CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II, *Sacrosanctum Concilium*, n° 11.

³⁴⁶ CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. Constituição dogmática *Lumen Gentium*. In: *Compêndio do Vaticano II*, Petrópolis: Vozes, 2016. p. 39-113, n° 2.

³⁴⁷ FRANCISCO. Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Christus Vivit*. São Paulo: Paulus, 2019, n° 35.

³⁴⁸ ZUBIRI, 2011b, p. 65.

³⁴⁹ FRANCISCO. Exortação Apostólica *Gaudete et Exsultate*. São Paulo: Paulus, 2018, n° 142.

³⁵⁰ Cf. PISTOIA, A. Compromisso. In: SARTORE, D.; TRIACCA A. M. (Ed.). *Dicionário de Liturgia*. São Paulo: Paulus. 2004. p. 196-209, p. 200.

celebração litúrgica constitui uma realidade dinâmica que remete o cristão a uma tarefa histórica. Fazer memória supõe projetar-se à frente, decidir-se pela ação, assumir responsabilidades³⁵¹.

As celebrações sacramentais são um chamado a transformar toda a existência em uma *memória pascal vivente* e uma *feita eucarística*; por isso, o rito cristão representa uma forma de *consciência crítica*, uma denúncia teológica permanente do *status quo*³⁵².

Existe um movimento dialético que vai da vida aos sacramentos e dos sacramentos à vida. Esta é mais uma afirmação que pode ser enquadrada no dinamismo da inteligência senciente. O sacramento oferece luz e força para dar sentido novo à vida. As pessoas, experimentando o amor de Cristo, sentem-se enviadas aos irmãos³⁵³. É através desta dinâmica sacramental que podemos compreender a Eucaristia ou Ceia como fonte e ápice da vida e da missão da Igreja. O anúncio do Evangelho adquire a sua motivação e sustento desta experiência sacramental, já que “Jesus deixa-nos a Eucaristia como memória quotidiana da Igreja, que nos introduz cada vez mais na Páscoa (cf. Lc 22,19). A alegria evangelizadora refulge sempre sobre o horizonte da memória agradecida: é uma graça que precisamos de pedir.”³⁵⁴

Bento XVI também contempla a ligação entre a celebração eucarística e a vida no mundo: “O mistério da Eucaristia habilita-nos e impele-nos a um compromisso corajoso nas estruturas deste mundo para lhes conferir aquela novidade de relações que tem a sua fonte inexaurível no dom de Deus.”³⁵⁵

Não podemos encerrar sem explicitar o caráter *tempóreo* da Eucaristia. É isso que lhe dá a *temporalidade*, que a inscreve como celebração semanal dominical, ou seja, a celebração do primeiro dia da semana, independentemente dos vários nomes que tenha adquirido ao longo da história, até se firmar no horizonte católico com o nome de Missa. Então o primeiro dia da semana foi determinado pelo cristianismo primitivo como o dia da Eucaristia. Isso aparece

³⁵¹ Cf. PISTOIA, 2004, p. 200-201.

³⁵² Cf. ROCCHETTA, C. *Los sacramentos de la fe*: Estudio de teología bíblica de los sacramentos como “acontecimientos de salvación” en el tiempo de La Iglesia. v. 1. Salamanca: Secretariado Trinitario, 2002. p. 230-234.

³⁵³ Cf. MAGRASSI, M. Promoção humana e liturgia. In: SARTORE, D.; TRIACCA A. M. (eds.). *Dicionário de Liturgia*. São Paulo: Paulus, 2004. p. 971-977, p. 975-976.

³⁵⁴ FRANCISCO. Exortação apostólica *Evangelii Gaudium*. São Paulo: Paulus, 2015, nº 3.

³⁵⁵ BENTO XVI, 2007, nº 91.

bem fundamentado no Novo Testamento, em que coincidem a aparição do Ressuscitado e a celebração da Ceia. Significa que a Eucaristia é uma realidade que está presente no mundo. Zubiri chama isto de “instauração” no mundo. E, por estar instaurada no mundo, faz com que ela reflua, tornando presente no mundo meramente por estar instaurada nele³⁵⁶. Então a Eucaristia é realidade primária, e o ser da Eucaristia é *ulterioridade*. “E essa ulterioridade tem uma estrutura formal própria: é a temporeidade.”³⁵⁷ Ser é atualidade da realidade, e temporeidade é caráter essencial de sua ulterioridade. Então “o real ‘é’”³⁵⁸. “Portanto ser é sempre já-é-ainda, aí está a temporeidade.”³⁵⁹ A temporeidade eucarística abre a temporalidade que chamamos de tempo eucarístico; em outras palavras, a Eucaristia é tempórea e, como tal, realiza-se no tempo determinado. É algo que necessariamente está sendo. Daí que a Eucaristia como celebração do Mistério Pascal é atualização do mesmo mistério cuja realidade foi apreendida na Iniciação Cristã. Ao celebrar em momentos determinados durante o tempo (primeiro dia da semana), o “já-é-ainda” da temporeidade, a Eucarística encarna-se no tempo como atualidade pascal. Portanto, desconhecer a dimensão tempórea da Eucaristia pode levar ao que hoje chamamos de descristianização do mundo europeu, com sinais já visíveis nas Américas. Quando os cristãos primitivos arriscavam a vida para celebrar a Eucaristia dominical, intuía que a dimensão sacramental da fé, celebrada *per ritos et preces*, era condição de sobrevivência da fé e dos crentes, pois a fé só pode sobreviver nas pessoas. Quando as comunidades ou as pessoas individualmente falando descuidam de celebrar a Eucaristia dominical, desprezam o caráter tempóreo do ser da Eucaristia e sua exigência natural de temporalidade. Pode-se dizer, neste sentido, que o que garante a vitalidade da comunidade e das pessoas é sua atualização celebrativa. Sem a Eucaristia ou Ceia, a iniciação cristã perde sua atualidade e deixa ser a realidade que retém e remete a mais realidade.

Considerações finais

Hoje, a grande maioria dos fiéis católicos abandonou a Eucaristia dominical. A temporeidade da Eucaristia enquanto celebração do Mistério Pascal abriu-se para uma temporalidade semanal como exigência da renovação da Ceia para atualizar a realidade pascal, exatamente no primeiro dia da semana. Toda celebração é uma apreensão primordial da realidade eucarística e, ao

³⁵⁶ Cf. ZUBIRI, 2011a, p. 157-158.

³⁵⁷ ZUBIRI, 2011a, p. 159.

³⁵⁸ ZUBIRI, 2011a, p. 159.

³⁵⁹ ZUBIRI, 2011a, p. 159.

mesmo tempo, é uma reversão no campo de realidade ao primordialmente apreendido. Portanto, deixar de celebrar é comprometer a realidade que nos mantém e dá o sentido da vida cristã. Segundo nossa análise, o eixo da crise por que passa a Igreja Católica em nosso tempo é desconhecer o caráter tempóreo da Eucaristia e, conseqüentemente, descuidar do Domingo, causando a descristianização galopante, que vem assustando a Igreja e suscitando como saída uma “Nova Evangelização”, mas não como simples transmissão de conceitos, e sim como apreensão de realidade em todos os seus modos. Enfim, se a nova evangelização não for enquadrada na inteligência zubiriana, não garantirá nenhuma eficácia.

Referências

- CHOKEL, L. A. *Bíblia do Peregrino*. São Paulo: Paulus, 2002.
- FUNDACIÓN XAVIER ZUBIRI. *Vida y obra*. Disponível em: http://www.zubiri.net/?page_id=361. Acesso em: 29 nov. 2018.
- RITUAL ROMANO. *Ritual da Iniciação Cristã de Adulto*. Renovado por decreto do Concílio Vaticano II, promulgado por autoridade do Papa Paulo VI. Tradução portuguesa para o Brasil da edição típica. São Paulo: Paulus, 2004.
- CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. Constituição *Sacrosanctum Concilium*. In: *Compêndio do Vaticano II*. Petrópolis: Vozes, 2016. p. 259-306.
- CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. Constituição dogmática *Lumen gentium*. In: *Compêndio do Vaticano II*. Petrópolis: Vozes, 2016. p. 39-113.
- CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. Decreto *Ad Gentes*. In: *Compêndio do Vaticano II*. Petrópolis: Vozes, 2016. p. 351-399.
- JOÃO PAULO II. Carta Encíclica *Ecclesia de Eucharistia*. São Paulo: Loyola, 2003.
- BENTO XVI. Exortação Apostólica Pós-sinodal *Sacramentum Caritatis*. São Paulo: Paulinas, 2007.
- FRANCISCO. Exortação apostólica *Evangelii Gaudium*. São Paulo: Paulinas, 2015.
- FRANCISCO. Exortação Apostólica *Gaudete et Exsultate*. São Paulo: Paulus, 2018.

FRANCISCO. Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Christus Vivit*. São Paulo: Paulus, 2019.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL (CNBB). *Batismo de Crianças*. (Documentos da CNBB 19), São Paulo: Paulinas, 1984.

KARRIS, R. J. O Evangelho Segundo Lucas. In: BROWN, R. E.; FITZMYER, J. A.; MURPHY, R. E. (Orgs.). *Novo Comentário Bíblico São Jerônimo: Novo Testamento e Artigos Sistemáticos*. São Paulo: Paulus, 2018, p. 217-308.

ROCCHETTA, C. *Los sacramentos de la fe*: Estudio de teología bíblica de los sacramentos como “acontecimientos de salvación” en el tiempo de la Iglesia. v. 1. Salamanca: Secretariado Trinitario, 2002.

TABORDA, F. *Nas fontes da vida cristã*: Uma teologia do Batismo-Crisma. São Paulo: Loyola, 2001.

ZUBIRI, X. *Inteligência e realidade*. São Paulo: É Realizações, 2011a.

ZUBIRI, X. *Inteligência e logos*. São Paulo: É Realizações, 2011b.

ZUBIRI, X. *Inteligência e razão*. São Paulo: É Realizações, 2011c.

ZUBIRI, X. *El hombre y Dio*. Madrid: Alianza Editorial/Fundación Xavier Zubiri, 2017a.

ZUBIRI, X. *El problema teológico del hombre*: Dios, religión y cristianismo. Madrid: Alianza Editorial/Fundación Xavier Zubiri, 2015a.

ZUBIRI, X. *Naturaleza, historia, Dios*. Madrid: Alianza Editorial/Fundación Xavier Zubiri. 14. ed., 2015b.

ZUBIRI, X. *Sobre el hombre*. Madrid: Alianza Editorial/Fundación Xavier Zubiri, 2017b.

ZUBIRI, X. *Sobre el sentimiento y la volición*. Madrid: Alianza Editorial/Fundación Xavier Zubiri, 2017c.

ZUBIRI, X. *Sobre la esencia*. Madrid: Alianza Editorial/Fundación Xavier Zubiri, 2018.

ZUBIRI, X. *Sobre la religión*. Madrid: Alianza Editorial/Fundación Xavier Zubiri, 2017d.

CODINA V. Simbolismo batismal. In: CODINA, V. IRARRAZAVAL, D. *Os Sacramentos de Iniciação*: Água e Espírito de Liberdade. São Paulo: Vozes, 1991a. p. 76-99.

CODINA V. Morte ao pecado e vida nova. *In:* CODINA, V.; IRARRAZAVAL, D. *Os Sacramentos de Iniciação: Água e Espírito de Liberdade*. São Paulo: Vozes, 1991b. p. 100-118.

FORBES, G. Realidade. *In:* AUDI, R. (Org.). *Dicionário de Filosofia de Cambridge*. São Paulo: Paulus, 2006. p. 795-796.

MAGRASSI, M. Promoção humana e liturgia. *In:* SARTORE, D.; TRIACCA A. M. (Ed.). *Dicionário de Liturgia*. São Paulo: Paulus, 2004. p. 971-977.

PISTOIA, A. Compromisso. *In:* SARTORE, D.; TRIACCA A. M. (Ed.). *Dicionário de Liturgia*. São Paulo: Paulus 2004. p. 196-209.

SILVA, J. A. da. ‘Sacrosanctum Concilium’ e reforma litúrgica pós-conciliar no Brasil: Um olhar panorâmico no contexto histórico geral da liturgia: Dificuldades, realizações, desafios”. *REB*, v. 63, p. 278-294, 2003.

TABORDA, F. Da celebração à teologia: Por uma abordagem mistagógica da teologia dos sacramentos. *REB*, v. 64, p. 588-615, 2004.